

"Tudo que Elena Armas escreve é absolutamente delicioso. Passei as horas mais bem gastas da minha vida lendo *Um experimento de amor em Nova York!*"  
– Ali Hazelwood, autora de *A hipótese do amor*



# UM EXPERIMENTO DE AMOR



em  
Nova York



## ELENA ARMAS

AUTORA DE *UMA FARSA DE AMOR NA ESPANHA*





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.  
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros  
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,  
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar  
nossa newsletter e receber  
as novidades diretamente  
em seu e-mail.

**UM EXPERIMENTO  
DE AMOR EM  
NOVA YORK**



## O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



UM  
EXPERIMENTO  
DE AMOR



ELENA ARMAS



Título original: *The American Roommate Experiment*

Copyright © 2022 por Elena Armas  
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Alessandra Esteche

*preparo de originais:* Marina Góes

*revisão:* Carolina Rodrigues e Pedro Staite

*diagramação:* Ana Paula Daudt Brandão

*adaptação de capa:* Gustavo Cardozo

*imagem de capa:* Marcela Herrera; porta: happyvector071 / Adobe Stock; notas musicais: olegganko / Adobe Stock

*e-book:* Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A758e

Armas, Elena

Um experimento de amor em Nova York [recurso eletrônico] / Elena Armas ; [tradução Alessandra Esteche]. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.

recurso digital

Tradução de: The american roommate experiment

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-475-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção espanhola. 2. Livros eletrônicos. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

23-82003

CDD: 863  
CDU: 82-3(460)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

*Aos que estão à espera do amor,  
sejam pacientes.  
O amor é uma diva  
só aguardando para fazer aquela entrada triunfal.*

# SUMÁRIO

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro



## UM

*Rosie*

Alguém estava tentando invadir meu apartamento.

Tá. Tecnicamente, não era *meu* apartamento, era o apartamento onde eu estava passando um tempo. Mas isso não mudava nada. Porque, se eu aprendi alguma coisa morando em alguns bairros não muito seguros de Nova York, foi que, se a pessoa não bate, ela não está muito interessada em pedir autorização para entrar.

Evidência número um: o barulho insistente na porta – que felizmente estava trancada.

O barulho parou, e enfim soltei todo o ar que estava prendendo.

Com o olhar fixo na fechadura, esperei.

Tudo bem. Talvez eu estivesse enganada. Talvez fosse um vizinho que errou de apartamento. Ou talvez a pessoa que estava ali ia mesmo bater e...

Fui surpreendida por outro barulho, que parecia alguém batendo na porta com o ombro, e dei um pulo para trás.

Não.

Não era uma batida. Provavelmente também não era um vizinho.

Minha respiração acelerou, o oxigênio mal chegando ao seu destino. Mas, droga, eu não podia culpar meus pulmões. Não podia nem culpar meu cérebro por não ser capaz de realizar funções básicas como respirar depois do dia que eu tive.

Algumas horas antes, o que tinha sido meu apartamento lindo e bem arrumado pelos últimos cinco anos quase desabou na minha cabeça. Literalmente. E não estou falando de uma rachadura no teto e uma poeirinha caindo.

Parte do teto cedeu. *Caiu*. Bem diante dos meus olhos. Quase em cima de mim. Criando um buraco tão grande que fui presenteada com uma visão clara das partes íntimas do meu vizinho, o Sr. Brown, olhando para mim lá de cima. E permitindo que eu descobrisse algo que nunca precisei nem quis saber: meu vizinho de meia-idade não usa nada por baixo do roupão. Nadinha.

Uma visão tão traumatizante quanto quase ser nocauteada por um pedaço de cimento a caminho do sofá.

E agora isso. A invasão. Depois que eu me recompus o mínimo para pegar minhas coisas – sob o escrutínio atento e as... partes íntimas e pendentes... do Sr. Brown – e ir até o único lugar em que consegui pensar, dadas as circunstâncias, agora alguém estava tentando entrar à força.

Ouvi algo que pareceu um palavrão em uma língua estrangeira, e de novo o barulho na fechadura.

*Ah, merda.*

Entre todos os apartamentos de uma cidade gigantesca como Nova York, tinham que querer arrombar logo a *minha* porta?

Girando na ponta dos pés, me afastei da porta do estúdio para onde eu tinha fugido em busca de abrigo e deixei meu olhar percorrer aquele lugar familiar, analisando minhas opções.

Graças à planta aberta do apartamento, não havia nenhum esconderijo decente. O único cômodo com porta, o banheiro, não tinha nem tranca. Também não havia nenhum objeto que pudesse ser usado como arma, exceto um castiçal torto de argila, resultado de um projeto “faça você mesmo” em um domingo preguiçoso, e uma luminária de chão estilo boho que me pareceu meio frágil. Fugir pela janela também não era uma opção, uma vez que eu estava no segundo andar e não havia escada de incêndio.

Os palavrões de frustração ficavam mais nítidos. A voz era grave, musical, e as palavras que eu não reconhecia nem entendia vieram acompanhadas de uma bufada bem alta.

Com o coração acelerado, levei as mãos à cabeça tentando conter o pânico crescente.

*Podia ser pior, pensei. A pessoa que está lá fora claramente não é muito boa em arrombamentos. E não sabe que eu estou aqui dentro. Até onde ela sabe, o apartamento está vazio. Isso me garante...*

Meu celular apitou com uma notificação, o som alto e agudo quebrando o silêncio.

E entregando minha presença.

*Merda.*

Tremendo, voei até o aparelho, que estava na ilha da cozinha. Eu não devia estar a mais de três ou quatro passos de distância. Mas meu cérebro, ainda com dificuldade para realizar funções básicas, como dar três ou quatro passos, calculou mal a distância, e bati o quadril em uma banqueteta.

– Não, não, não. – Ouvi essas palavras saírem da minha boca como um choramingo e estendi uma das mãos.

Sem sucesso. Porque...

A banqueteta caiu no chão.

Fechei os olhos. Parecia que meu cérebro estava tentando ao menos me poupar de ver a confusão que eu estava aprontando.

Um silêncio seguiu o estrondo, preenchendo o lugar com uma sensação de calma que eu sabia que era falsa.

Abri um dos olhos, espiando na direção da porta.

Talvez isso fosse bom. Talvez tivesse assustado... o ladrão? Os ladrões?

– Olá? – chamou a voz grave do outro lado da porta. – Tem alguém em casa?

*Droga.*

Me recompus e virei bem devagar. Ainda existia uma chance de...

O toque que eu tinha configurado para aquele aplicativo motivacional ridículo que baixei mais cedo ecoou pelo apartamento uma segunda vez.

*Meu Deus.* Alguém estava mesmo querendo acertar as contas comigo hoje. Carma, sina, fortuna, sorte ou alguma entidade todo-poderosa que eu claramente tinha irritado.

Talvez até Murphy e sua lei imbecil.

Finalmente peguei o celular para colocar aquela coisa idiota no silencioso.

Sem querer, meus olhos leram a frase supostamente motivacional na tela: “Se a oportunidade não bater, construa uma porta.”

– Sério mesmo? – me escutei sussurrar.

– Eu ouvi isso, sabia? – disse o invasor. – O celular, a batida e o celular de novo. – Uma pausa. – Você... está bem?

Franzi o cenho. Para um possível invasor, ele era bem atencioso.

Ele insistiu:

– Eu sei que tem alguém aí dentro. Estou ouvindo a sua respiração.

Soltei uma arfada de indignação. Eu *não* respirava alto.

– Olha só – disse ele, com uma risadinha. Uma *risadinha*. Ele estava rindo? À minha custa? – Eu só...

– Não, olha só você – deixei escapar finalmente, ouvindo minha voz irregular. – Não sei o que você está fazendo e também não quero saber. Eu... eu... – Eu estava ali que nem uma idiota, sem fazer nada. E isso não podia ficar assim. – Eu vou chamar a polícia.

– *A polícia?*

– Isso mesmo. – Desbloqueei o celular com os dedos trêmulos. Já estava cheia daquela... situação. Inferno, eu estava cheia daquele *dia*. – Você tem só alguns minutos para ir embora antes que eles cheguem. Tem uma delegacia na esquina. – Não tinha, e eu estava torcendo para que ele não soubesse disso. – Então eu, se fosse você, fugiria agora.

Dei um passinho minúsculo e hesitante em direção à porta, então parei para ouvir sua reação. Com sorte, seria o som de seus passos em fuga.

Mas não escutei nada.

– Você está me ouvindo? – perguntei, e endureci a voz antes de continuar. – Eu tenho amigos na polícia. – Não tinha. O mais próximo de um policial que eu conhecia era meu tio Al, segurança de uma empresa na Quinta Avenida. Mas isso não pareceu impressionar o invasor, porque o silêncio continuou. – Então tá. Eu avisei. Estou ligando, você é quem sabe, seu... *invasor de uma figa!*

– *Quê?*

Ignorando minha escolha infeliz e nada ameaçadora de palavras, coloquei o celular no viva-voz e em alguns segundos a pergunta feita pelo atendente preencheu o apartamento:

– Qual é a sua emergência?

– Oi. – Limpei a garganta. – Alô. Tem... tem alguém invadindo o apartamento onde eu estou.

– *Espera*, você ligou mesmo? – gritou o invasor. Então, disse: – Ah, entendi. – E deu mais uma risadinha. *Mais. Uma. Risadinha*. Ele estava achando engraçado? – É uma piada.

A indignação encheu meu peito.

– Uma *piada?*

– Alô? – chamou a voz ao telefone. – Senhora? Se isso é uma emergência...

– Ah, é, sim – respondi imediatamente. – Como eu estava dizendo, estou ligando por causa de uma invasão.

O sujeito falou antes do atendente:

– Eu estou no corredor. Como posso estar invadindo o apartamento? Eu nem consegui entrar.

Agora que ele estava emitindo mais que duas palavras por vez, ouvi o sotaque com mais clareza. O modo como ele pronunciava certas palavras era familiar e fez soar um alarme na minha cabeça. Mas eu não tinha tempo nem energia para alarmes naquele momento.

– *Tentativa de invasão* – corrigi.

– Certo, senhora – respondeu o atendente. – Preciso do seu nome e do seu endereço.

– Já entendi – disse o invasor, tão alto que eu dei um passo para trás. – É uma pegadinha dessas de programa de TV. Já vi esse tipo de brincadeira na TV lá no meu país. Como é mesmo o nome daquele cara? Um que é apresentador. Que tem o cabelo bonito. – Uma pausa. – Bom, não importa. – Mais uma pausa. – Você me pegou! Essa foi boa. Olha só, estou morrendo de rir – acrescentou ele antes de dar uma gargalhada que quase fez o celular despencar da minha mão. – Agora você pode, por favor, abrir a porta e parar com isso? Já passou da meia-noite e eu estou exausto. – O bom humor desapareceu de sua voz. – Diz a ela que foi hilário. Vamos lembrar disso pra sempre como a melhor pegadinha da história.

*Diz a ela?*

Ela quem?

Franzindo o cenho, falei baixinho no telefone:

– Você ouviu isso? Acho que talvez ele seja louco.

– *Louco?* – zombou o invasor. – Não sou louco, só estou... cansado.

Alguma coisa caiu no chão do outro lado da porta e eu rezei para que não fosse ele, porque eu não estava a fim de ainda ter que lidar com um homem inconsciente.

– Eu ouvi – disse o atendente. – E, senhora, eu...

– Será que eu estou na porta errada ou algo assim? – interrompeu o invasor.

*Na porta... errada?*

Isso chamou minha atenção.

– *Senhora* – chamou o atendente. – Seu nome e endereço, por favor.

– Rosie – respondi rápido. – Meu nome é Rosalyn Graham e... Bom, na verdade esse endereço não é meu. Estou na casa da minha melhor amiga. Ela

está viajando no momento, e eu precisava... de um lugar para ficar. Mas eu não invadi o apartamento, obviamente. Eu tenho a chave.

– Eu também tenho a chave – disse o invasor.

Mais um alarme soou em minha cabeça.

– Impossível. – Fiz uma careta olhando para a porta. – Eu tenho a única chave extra.

– Sra. Graham. – A voz do atendente tinha um quê de irritação. – Quero que a senhora pare de interagir com o indivíduo à porta e me diga sua localização. Vamos mandar uma unidade para fazer uma verificação.

Minha boca se abriu, mas, antes que as palavras saíssem, o invasor voltou a falar:

– Ela se superou mesmo.

*Ela.* De novo aquele *ela*.

Por um tempo, nenhum de nós falou. Então, o silêncio foi rompido por um barulho forte. Parecia muito que ele tinha acabado de se agachar se escorando na porta, derrotado.

– *Ela?* – perguntei finalmente, ignorando o “Sra. Graham?” no celular.

– É – respondeu o invasor, simplesmente. – Minha priminha muito engraçada e criativa.

Minha respiração congelou em algum lugar entre o pulmão e a boca.

*Priminha.*

*Ela.*

*O sotaque forte do invasor que era tão familiar.*

A única explicação possível tomou forma em minha cabeça.

*Eu tinha mesmo...*

*Não.* Eu não podia ser tão idiota assim.

– Sra. Graham? – Ouvi mais uma vez a voz vindo do celular. – Se não for uma emergência...

– Desculpe, eu... – Fechei os olhos. – Eu volto a ligar se... precisar. Muito obrigada.

*Priminha.*

Ah, meu Deus. Ah, não. Se era mesmo um dos primos da Lina, eu tinha acabado de fazer uma besteira. Das grandes.

Desliguei, coloquei o celular no bolso de trás da calça e me obriguei a respirar fundo, esperando que o oxigênio chegasse a meus neurônios claramente defeituosos.

– Quem é sua prima? – perguntei, embora já tivesse quase certeza de que sabia a resposta.

– A Catalina.

Pronto. Eu tinha feito uma besteira. Mesmo assim, como ainda estávamos em Nova York e eu já tinha lidado com uma boa dose de pessoas estranhas e situações mais estranhas ainda, acrescentei:

– Vou precisar de mais informações. Você pode ter visto o nome dela na caixa de correspondência.

Ouvi um suspiro longo e alto do outro lado da porta de madeira que nos separava, o que fez meu estômago, que já estava embrulhado, revirar.

– Desculpa – deixei escapar, incapaz de me conter. Porque eu estava *mesmo* arrependida. – Só estou tentando ter certeza que...

– Que eu não sou um louco – respondeu o invasor antes que eu pudesse terminar o pedido de desculpas. – Catalina Martín. Data de nascimento, 22 de novembro. Cabelo castanho, olhos castanhos, risada escandalosa. – Meus olhos voltaram a se fechar, o embrulho no estômago subindo para a garganta. – Ela é baixinha, mas, se te der um chute entre as pernas, vai te deixar sem fôlego. Sei disso por experiência própria. – Uma breve pausa. – O que mais? Vamos ver... Ah, ela odeia cobras ou qualquer coisa que pareça uma. Mesmo que sejam só umas meias costuradas e preenchidas com papel higiênico. Ardiloso, né? Bom, foi isso que levou ao chute entre as pernas. Então acho que quem se deu mal fui eu.

É.

Eu tinha feito uma besteira. Bem grande.

Enorme, enorme, enorme.

E estava me sentindo muito mal. Péssima.

Tanto que nem consegui interrompê-lo e impedir que continuasse.

– Ela está passando umas semanas fora. Curtindo a lua de mel em... era no Peru? – Ele esperou que eu confirmasse, mas não respondi. Estava sem palavras. Mortificada. – O nome do sortudo é Aaron. Um cara alto e ameaçador, pelas fotos que eu vi.

Espera. Isso queria dizer que...

– Não nos conhecemos pessoalmente. Ainda.

Ele *ainda* não tinha conhecido Aaron?

Eu...

*Não*. Não, não, não. Aquilo não podia estar acontecendo.

Então, ele disse:

– Não tive o prazer de ir ao casamento.

Confirmando que aquilo estava, sim, acontecendo. E de repente o choque e a vergonha que eu tinha sentido antes não chegavam nem aos pés do que eu estava sentindo agora.

Porque aquele homem não era um invasor qualquer, ou um louco que por acaso tinha ido parar no apartamento da minha melhor amiga.

Aquele homem que tinha me levado a chamar a polícia era parente da Lina.

E não era só isso. *Não*. Ele era o primo que ainda não tinha conhecido Aaron.

A única pessoa daquela longa lista de parentes espanhóis da Lina que não tinha ido ao casamento.

Só podia ser *ele*.

– Fiquei sabendo que foi uma festa e tanto – continuou. E foi como um soco no meu peito. – Uma pena eu ter perdido.

Sem saber exatamente como, percebi que eu estava segurando a maçaneta. Como se as palavras dele – a percepção de que era *ele* – tivessem me levado até ali e feito com que os dedos da minha mão livre a agarrassem com força.

*Não é possível que seja ele*, disse uma voz na minha cabeça. *Eu não posso ser tão azarada assim*.

Mas era. Eu sabia que era. E a sina, a fortuna, a sorte ou qualquer força encarregada de decidir meu destino tinha feito as malas e me abandonado.

Porque aquele homem era o primo que eu esperava, secretamente, que estivesse no casamento. O único que me fazia sentir um frio danado na barriga só de pensar em encontrá-lo. Em receber aqueles dois beijinhos obrigatórios no rosto. Em trocar gentilezas. Em, quem sabe, dançar com ele. Em aparecer na frente dele com aquele vestido de madrinha. Em finalmente vê-lo na minha frente.

Nas possibilidades.

Meus dedos se mexeram e a porta destrancou com um *clique*.

Com o coração acelerado de pensar que era *mesmo* ele, segurei a maçaneta. Ansiosa, ávida, a esperança fechando minha garganta. Toda a loucura que minha cabeça tinha imaginado naqueles meses anteriores ao casamento misturada às novas emoções causadas pela besteira que eu tinha acabado de fazer. Ansiedade misturada com culpa. Vergonha com entusiasmo.

Com o coração martelando, abri a porta e...

Algo caiu aos meus pés.

Olhei para baixo e imediatamente vi o que era.

*Ele* estava deitado de barriga para cima. Devia estar apoiado na porta e caiu para trás quando a abri.

O ar mal parecia entrar em meus pulmões enquanto eu olhava para aquela cabeça com cachos castanhos tombada. Não combinava com a imagem nítida em minha memória. No caso, minha memória era a captura de tela que eu guardava em segredo.

Eu só o conhecia de cabelo bem curtinho.

– É você mesmo – me ouvi murmurar ao olhar para ele. – Você está mesmo aqui. E seu cabelo está diferente. Mais comprido e...

Fechei a boca, sentindo um rubor intenso se espalhar pelas minhas bochechas.

O lindo rosto que eu apreciava pela tela do celular mais vezes do que gostaria de admitir se contorceu em uma expressão confusa. Mas, com a mesma rapidez, os olhos castanho-escuros brilharam com um sorriso.

– A gente... a gente se conhece?

– Não – respondi rápido. – Claro que não. Eu quis dizer que você é diferente do que eu esperava. Sabe, pela sua voz. Só isso. – Balancei a cabeça. – E eu... *meu Deus*. Me desculpa. Por tudo isso. Eu só...

*Você só o quê, Rosie?*

O rubor tinha se espalhado até a ponta das minhas orelhas, e pensei que, se o chão se abrisse naquele instante e me engolisse – algo que eu sabia que não era tão improvável assim –, eu iria feliz.

– Me desculpe mesmo – falei em voz baixa. – Posso te ajudar? Por favor.

Mas *ele* – o homem que nem sabia que eu existia, mas cujo rosto eu era capaz de evocar em minha mente sempre que fechava os olhos – não deu nenhuma demonstração de estar com pressa de se levantar. Em vez disso, seu olhar inspecionou meu rosto, devagar, como se eu é que tivesse surgido do nada e caído a seus pés.

E, quando eu achei que tinha me recomposto o bastante para dizer mais alguma coisa – com sorte, minimamente inteligente –, seus lábios se esticaram. A expressão de confusão se dissolveu, dando lugar a um sorriso, e quaisquer palavras que tivessem conseguido chegar até minha boca despencaram de volta.

Porque ele sorria. E era um sorriso largo, luminoso e, para falar a verdade, lindo de um jeito tão descarado que deixa a gente sem nem saber direito o que fazer.

Mais lindo ainda que o sorriso daquela única captura de tela que eu tinha me permitido guardar e talvez ainda olhasse de vez em quando.

– Nesse caso – disse ele, ainda com aquele sorriso ensolarado e de ponta-cabeça –, já que não nos conhecemos: oi. Meu nome é Lucas Martín. Sou primo da Lina.

*Sim.*

Eu sabia disso. Eu sabia exatamente quem ele era. Ele nem imaginava o quanto eu sabia.



## DOIS

*Rosie*

Do chão, Lucas olhou para cima, provavelmente se perguntando qual era o meu problema.

– Eu...

*Argh.* Definitivamente *não* era assim que eu imaginava conhecê-lo. Não chegava nem perto de como eu tinha construído aquele momento na minha cabeça. E olha que eu tive tempo – mais de um ano – para criar dezenas de cenários diferentes.

– Oi, Lucas – falei. – É... é um prazer finalmente conhecer você.

Finalmente?

Aham. Eu disse “finalmente”.

As sobrancelhas dele se uniram, e senti a ponta das minhas orelhas esquentando ainda mais. Meu rosto devia estar da cor de um tomate.

– Você realmente não é um ladrão! – deixei escapar para desviar a atenção daquele “finalmente” idiota. – E peço mil desculpas por ter pensado que fosse. Com certeza não foi assim que você imaginou sua chegada a Nova York. Ou ao apartamento da Lina. Enfim, me deixa te ajudar a levantar.

Mas Lucas continuou deitado de costas, brandindo aquele sorriso que tinha se formado minutos antes. Como se tudo aquilo fosse banal. *Normal.* E não era. Não era mesmo. Porque Lucas Martín estava ali. Na minha porta... na porta da Lina, na verdade. E eu estava causando uma péssima primeira impressão.

– É, eu não estava exatamente esperando por isso – disse ele, estendendo o braço, deixando a mão pairar no ar, bem na altura da minha

barriga. – Mas, de qualquer forma, é um prazer conhecer você, Rosalyn Graham.

Fiquei olhando para aquela mão, observando aqueles dedos compridos. Então, meus olhos saltaram para a pele bronzeada em seu punho, envolto por uma pulseira de couro já gasta.

Uma pequena parte de mim se perguntou como seria tocar naquela pele, mas meus braços permanecerem bem colados junto ao corpo.

– Como você... sabe meu nome? – perguntei.

Porque Lucas tinha dito meu nome completo.

A mão dele ainda estava no ar, esperando. Assim como o sorriso.

– Ouvi você dizer – respondeu ele, casual. – Sabe, quando você ligou para a emergência. Logo depois de ter me chamado de louco.

Meu Deus.

– Ai, meu Deus, eu fiz isso mesmo, né? – perguntei, suspirando. – Me desculpe por isso também.

Meus olhos agora estavam fixos na faixa de pele em seu antebraço que foi se revelando à medida que a manga do moletom deslizava para baixo. Pisquei algumas vezes. Mas ainda assim não peguei a mão que ele estendia, e ele enfim desistiu.

– Juro que eu não fazia a menor ideia de que você ia chegar hoje. A Lina não disse nada. Se soubesse, eu não teria chamado a polícia. Caramba, eu nem estaria aqui se soubesse que você viria.

Lucas inclinou a cabeça em um gesto que interpretei como curiosidade. Provavelmente querendo perguntar por quê. *Por que você está aqui, então?*

– Mas pode me chamar de Rosie – continuei. – É como todo mundo me chama. Você também pode. Se quiser, é claro. Mas também pode me chamar de Rosalyn.

Uma risada suave escapou por entre o sorriso permanente, seguida de um simples:

– Rosie.

Como se ele estivesse experimentando meu nome em sua boca.

E, meu Deus, o jeito como ele pronunciou, revestido daquele sotaque espanhol forte, enrolando o *R* como se seu corpo inteiro estivesse produzindo o som, não só a língua e as cordas vocais. Era tão... diferente de todas as maneiras como meu nome já tinha sido pronunciado. Interessante. De tirar a concentração.

– Rosie – repetiu ele após alguns segundos. – *Qué dulce* – acrescentou em seu idioma nativo, que eu sabia ser espanhol, ainda que não soubesse exatamente o significado das palavras. – Gostei. Combina com você.

– Obrigada – consegui responder.

Eu sentia meu corpo inteiro ficar cada vez mais quente. Alternei o peso entre as pernas, inquieta.

– Seu nome também é bonito, Lucas. É bem... bacana.

*Bacana.*

Meu Deus. Senhor amado.

Eu tinha mesmo acabado de dizer que o nome dele era *bacana*? Como... um... um... globo de discoteca? Ou uma festa anos setenta?

– Obrigado, eu acho – disse ele, com uma risadinha. – Bom, por mais confortável que eu esteja no chão, estou cansado de ficar olhando para o seu rosto de ponta-cabeça, Rosie.

E antes mesmo que eu pudesse assimilar o que ele disse, Lucas levantou com uma manobra rápida e totalmente surpreendente. Distraída pelo movimento, pelo tamanho dele, por aquele /r/ vibrante encantador que ainda ecoava em minha cabeça e, sobretudo, pelo efeito de ter Lucas Martín – em carne e osso – na minha frente, quase perdi a cabeça quando ele se esquivou e se dobrou.

– Cuidado!

Eu me lancei para a frente e agarrei seus braços alguns segundos tarde demais. Ele estava com a cabeça baixa, e eu não conseguia ver seu rosto.

– Você está bem?

– *Estoy bien* – respondeu ele, expirando, como se a frase em espanhol tivesse escapado sem querer.

Ele balançou a cabeça.

– Estou bem. Tudo sob controle.

Devagar, Lucas olhou para mim por baixo daqueles cílios, encontrando meu olhar e fazendo todo o sangue do meu corpo voltar ao rosto. Logo antes de olhar para baixo novamente, como se algo tivesse chamado sua atenção.

Imitei seu movimento.

Minhas mãos. Agarradas aos braços dele em um aperto mortal. Envolvendo o que eu agora percebia serem braços muito firmes. Cheios de músculos. Rígidos. Flexionados.

Levantamos o olhar ao mesmo tempo, meus olhos arregalados encontrando os dele. Vi sua expressão divertida.

– Bela pegada, Rosie.

Soltei imediatamente, como se tivesse sido empurrada por aquelas três palavrinhas.

– Ah, sim – respondi, apressada, juntando as mãos em frente ao corpo e desviando o olhar para um ponto fixo logo abaixo do queixo dele. – Você tem certeza de que está bem?

– Claro, nada com que se preocupar – disse ele, fazendo um gesto descontraído com a mão. – Eu deveria ter levantado um pouco para esticar as pernas em vez de dormir quase o voo inteiro.

– Verdade. Você acabou de sair de um voo que atravessou o oceano.

Sim, aquele era Lucas Martín e ele tinha acabado de cruzar metade do mundo para estar ali. Vindo da Espanha, de onde ele era. E o que eu tinha feito? Tinha deixado o cara trancado do lado de fora, chamado a polícia e, depois, deixado ele deitado no chão por um tempão.

– Ah, não – respondeu ele. – Estou vindo de Phoenix.

Ah.

*Como assim?*

– Foi só escala ou você já estava...

Parei de falar, percebendo que não era da minha conta o fato de Lucas estar no país ou não.

– Enfim, olha eu aqui de novo, deixando você do lado de fora. Por favor, entre.

Dei um passo para o lado para deixar que ele entrasse no apartamento da prima, me sentindo completamente... deslocada.

Lucas levantou do chão uma mochila que parecia pesada e entrou, permitindo que eu observasse melhor sua bunda. Agora que seus olhos não estavam em mim, finalmente me permiti observá-lo. Observá-lo de verdade, percorrendo de cima a baixo toda a extensão de seu corpo algumas vezes.

E meu Deus. Ele tinha pernas compridas e esguias. Lucas era mais alto do que eu imaginava com base no que tinha visto em minhas stalkeadas. Até seus ombros eram mais largos do que eu imaginava. E o moletom surrado que ele estava vestindo não os escondia – nem os músculos que senti quando estava segurando seus braços. Nem escondia o fato de que só de olhar para suas costas dava para perceber que ele era um atleta profissional. Que surfava em competições. E estamos falando de competições e torneios e ondas lindas e assustadoras, incrivelmente grandes. Lucas provavelmente

tinha passado a maior parte da vida na água e seu corpo devia ser capaz de suportar...

O baque da mochila dele caindo chamou minha atenção. Ele tinha parado ao lado da ilha que separava a cozinha da sala no estúdio aconchegante.

– Então, Rosie.

Lucas se abaixou para pegar a banqueta que eu tinha derrubado. Ele a colocou ao lado de outra, seu par.

– Se você não sabia que eu vinha... – disse ele, olhando para mim com um sorriso fácil. – E, se disse que não estaria aqui se soubesse que eu viria, imagino que você não faça parte do meu comitê de boas-vindas, certo?

A voz grave dele, seu tom gentil, mas brincalhão, me deu um frio barriga, que eu suprimi na mesma hora.

– Uma pena, eu estava começando a pensar que devia agradecer à minha prima.

O frio na barriga voltou e foi difícil encontrar uma resposta, o que nos mergulhou em um silêncio estranho.

O sorriso de Lucas se desfez.

– Era uma piada – explicou ele. – Uma piada bem ruim, pelo jeito. Desculpe, eu geralmente sou mais desenvolto.

Eu só consegui piscar.

*Pense, Rosie. Pense. Diga alguma coisa. Qualquer coisa.*

– Ashton Kutcher – foi o que meu cérebro decidiu dizer.

Lucas franziu a testa.

– Ele é o apresentador daquele programa *Punk'd*, de pegadinhas. Que você não conseguia lembrar – expliquei, e então joguei as mãos para o alto e fiz uma voz mais grave. – Você está no *Punk'd*!

Ele inclinou a cabeça, e eu quis desfazer os últimos dez segundos da minha vida. Voltar no tempo, dizer outra coisa. Algo inteligente. Dar uma flertada. Era pedir demais? Eu nem estava pedindo para desfazer os últimos dez minutos. Ou as últimas dez horas.

Mas Lucas riu. Uma risada profunda e feliz. E, por algum motivo estranho, eu soube que era genuína e que ele não estava rindo da minha cara.

– Sim – disse ele, o corpo chacoalhando de tanto rir. – Era desse programa que eu estava falando. E é esse mesmo, o cara do cabelo bonito.

Ao olhar para ele – para seu rosto, seus lábios risonhos, seu cabelo, que era muito, muito mais bonito que o do Ashton Kutcher –, notei que eu

também estava rindo. Não consegui me conter.

Mas, quando o olhar dele desceu até meus lábios, isso meio que arrancou o sorriso do meu rosto.

– Então tá – falei, endireitando os ombros e desviando o olhar. – Isso foi divertido.

Mentira.

– Mas acho que é hora de eu ir e deixar você... à vontade.

Sem perder tempo ou pensar na testa profundamente franzida dele, fui até onde estavam meus pertences e ajoelhei diante das minhas duas malas – uma delas aberta, e já quase vazia –, uma ecobag grande cheia até a boca e uma caixa com tudo o que havia de perecível na minha casa.

Ouvi alguns passos à minha direita. Então, um par de tênis brancos entrou no meu campo de visão.

– Você vai embora... – comentou Lucas, quando peguei um sapato perdido que não lembrava de ter tirado da mala. – Com tudo... isso.

Não era uma pergunta, eu sabia, mas respondi assim mesmo.

– É claro.

Peguei a pilha de blusas que aparentemente também tinha tirado da mala.

– Eu só dei uma passadinha aqui na casa da Lina porque... porque...

Porque pretendia usar seu apartamento – que claramente não estava vago – enquanto ela estivesse em lua de mel, já que o meu estava inabitável no momento.

– Eu precisava regar as plantas. Pegar a correspondência. Esse tipo de coisa.

Um momento de silêncio.

– Não parece que você estava só dando uma passadinha, Rosie.

– Ah.

Fiz um gesto descontraído com uma das mãos e comecei a colocar as blusas dentro da mala aberta com a outra. *Meu Deus, por que fui tirar tanta coisa da mala?*

– Isso aqui? Não é nada.

Sou só eu tentando não ser inconveniente com um cara por quem eu talvez tenha uma quedinhazinha de nada.

Ele se sentou no chão à minha frente. Como se estivéssemos de bobeira, jogando conversa fora.

Fechei e abri a boca algumas vezes até finalmente ser capaz de dizer alguma coisa.

– O que você está fazendo?

*Alguma coisa inteligente, Rosie.*

Lucas riu, o som leve e despreocupado e nada parecido com o que eu estava sentindo.

– Eu ia perguntar o que você veio fazer aqui de verdade, no apartamento da minha prima. Eu teria perguntado antes, mas nós estávamos... ocupados. – Ele deu de ombros e acrescentou: – Não acho que você me deva uma explicação. Tudo isso – disse ele, girando um dedo no ar – é claramente culpa da Lina. Você não fazia nem ideia de que eu viria.

– Não mesmo.

– Mas ela sabe que você está aqui?

Soltei um suspiro.

– Não...

Hesitei, embora eu achasse que devia uma explicação a Lucas, sim.

– Mas não foi por falta de tentativa. Eu liguei para ela e para o Aaron, para ver se eu podia usar minha chave extra e passar a noite aqui.

Na verdade, algumas noites, no plural.

– Mas nenhum dos dois atendeu. Ou os celulares estão fora da área.

Lucas analisava meu rosto, como se estivesse tentando juntar as peças. Então ele tirou um pequeno objeto do bolso.

– Falando em chave – disse ele, segurando o objeto entre os dedos. – Eu não estava mentindo. Eu tenho uma.

Meus lábios se abriram para mais um pedido desculpas, mas Lucas me deteve, balançando a cabeça.

– A Lina deixou na pizzaria no fim da rua. Alessandro's? Ela me deu instruções para buscar a chave lá.

Aquilo fazia... sentido. Mas não mudava o fato de ela não ter me dito que Lucas viria.

– Sujeito bacana, o tal Sandro – disse Lucas, assentindo. – Devo estar parecendo mesmo exausto, porque ele até me ofereceu comida.

O rosto de Lucas se iluminou de repente e lembrei de uma foto do Instagram em que ele está olhando para um bife como se aquele pedaço suculento de carne tivesse acabado de pendurar a lua e as estrelas no céu só para ele.

– Provavelmente a melhor pizza que eu comi em um bom tempo.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Experimento De Amor Em Nova York" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).